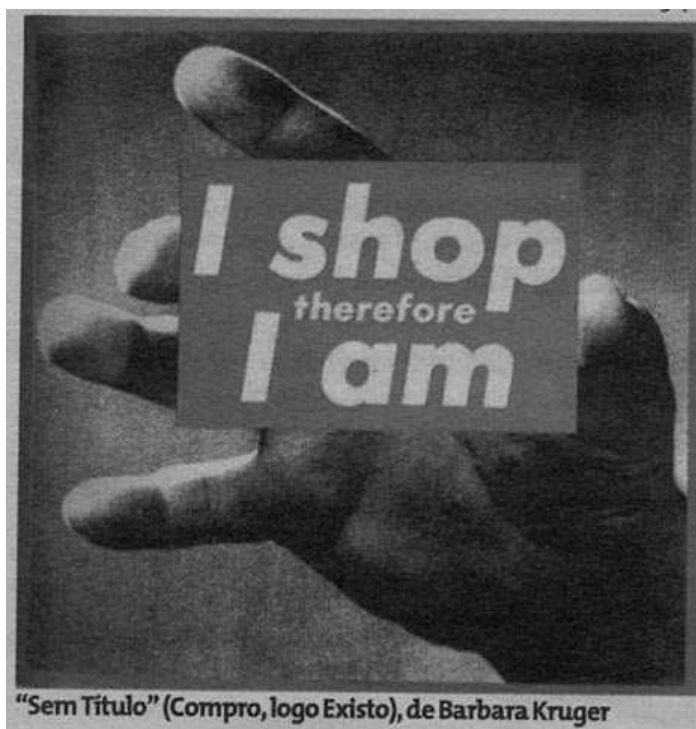


Interpretação de Temas

PROPOSTA 1



"Sem Título" (Compro, logo Existo), de Barbara Kruger

(In: Mais! Folha de S. Paulo, 02/11/2003.)

A partir da leitura do texto e de suas reflexões pessoais sobre o tema, redija um texto argumentativo em prosa, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, em que desenvolva sua opinião sobre se o consumismo faz o homem moderno mais feliz.

PROPOSTA 2

TEXTO I

Todas as formas de vida diversas da humana só lidam com recursos renováveis. Determinados organismos podem morrer por falta temporária de alimento e água em determinado lugar, ou por causa de aberrações climáticas, ou por presença e atividade de predadores, ou meramente por causa da idade avançada. Toda uma espécie pode morrer devido a mudanças genéticas, à incapacidade de adaptar-se a alterações ambientais, ou à substituição por outra espécie com melhores possibilidades de sobrevivência. Entretanto, a vida continua, pois a Terra segue sendo habitável, graças à eterna reciclagem de recursos renováveis.

Somente o ser humano lida com recursos não-renováveis e, portanto, só ele corre o risco de estruturar um modo de vida cujos elementos essenciais podem faltar repentinamente. Essa falta pode representar tamanha desarticulação que é capaz de pôr fim à civilização humana. Aí, então, a Terra poderá ainda comportar a vida, mas não mais o avanço tecnológico.

(Isaac Asimov. Escolha a catástrofe. São Paulo: Círculo do Livro, 1979. p. 305.)

TEXTO II

Cientistas renomados fazem-nos graves advertências sobre a maneira como estamos conduzindo nossos caminhos. Ao mesmo tempo, eles nos delegam responsabilidades brutais. O filósofo Daniel Dennett acha quase certo não sermos a espécie do planeta com maior chance de sobreviver. Perdemos para as baratas e as criaturas mais simples. Possuímos uma grande vantagem: a condição de olhar à frente e planejar. No entanto, apesar – e por causa – de todo o avanço tecnológico de que fomos capazes, caminhamos em direção a uma barreira de escassez, não de minérios ou energia, mas de água e alimentos. O sociobiologista Edward O. Wilson lembra que transformamo-nos na primeira espécie a se tornar uma força geofísica, capaz de alterar o clima da Terra; e que temos sido os maiores destruidores de vida desde o meteorito que caiu perto de Iucatã há 65 milhões de anos e encerrou o ciclo dos grandes répteis. Com a superpopulação e o atual estilo de desenvolvimento, corremos o risco de esgotar nossas reservas naturais – inclusive de água doce – e eliminar para sempre numerosas espécies vegetais e animais. Ele nos compara a uma família que dissipa irrefletidamente seu parco patrimônio e que depende cada vez mais de novos conhecimentos para se manter viva. De fato, se hipoteticamente retiramos a eletricidade de uma tribo de aborígenes australianos, quase nada acontecerá. Se o fizermos aos moradores da Califórnia, milhões morrerão.

É curioso como nossa maravilhosa capacidade de previsão tem evoluído menos que nosso arsenal destrutivo e nossas aspirações de consumo. O homem primitivo dava-se por satisfeito ao voltar para a caverna com algum alimento para sua família e por ter sobrevivido mais um dia. Hoje, tentamos planejar a longo prazo: mas é difícil avaliar as consequências de nossas ações para mais de duas gerações. É o caso da degradação do meio ambiente. Ao cortarmos uma árvore da floresta tropical, raramente assumimos que nossos bisnetos poderão encontrar lá um deserto. E, embora saibamos ter de preservar a velha Mãe Terra, o único lar capaz de sustentar a vida, continuamos a destruir seus frágeis ecossistemas naturais, envenenar as águas e poluir o ar com o uso irresponsável da tecnologia.

(Gilberto Dupas, *Ética e poder na sociedade da informação*. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 63-65.)

TEXTO III

A sensação de pertencimento ao universo não se inicia na idade adulta e nem por um ato de razão. Desde a infância, sentimo-nos ligados com algo que é muito maior do que nós. Desde crianças nos sentimos profundamente ligados ao universo e nos colocamos diante dele num misto

de espanto e de respeito. E, durante toda a vida, buscamos respostas ao que somos, de onde viemos, para onde vamos, enfim, qual o sentido da nossa existência. É uma busca incessante e que jamais termina. A educação pode ter um papel nesse processo se colocar questões filosóficas fundamentais, mas também se souber trabalhar ao lado do conhecimento, essa nossa capacidade de nos encantar com o universo.

Hoje, tomamos consciência de que o sentido das nossas vidas não está separado do sentido do próprio planeta. Diante da degradação das nossas vidas, no planeta chegamos a uma verdadeira encruzilhada entre um caminho Tecnozóico, que coloca toda a fé na capacidade da tecnologia de nos tirar da crise sem mudar nosso estilo de vida poluidor e consumista, e um caminho Ecozóico, fundado numa nova relação saudável com o planeta, reconhecendo que somos parte do mundo natural, vivendo em harmonia com o universo, caracterizado pelas atuais preocupações ecológicas. Temos que fazer escolhas. Elas definirão o futuro que teremos. Não me parece, realmente, que sejam caminhos totalmente opostos. Tecnologia e humanismo não se contrapõem. Mas, é claro, houve excessos no nosso estilo de vida poluidor e consumista e que não é fruto da técnica, mas do modelo econômico. Este é que tem que ser posto em causa. E esse é um dos papéis da educação sustentável ou ecológica.

(Moacir Gadotti. Pedagogia da terra e cultura de sustentabilidade. Revista Lusófona de educação, 2005. Vol. 6, p. 19-20.)

TEXTO IV

Solemnia verba

Disse ao meu coração: Olha por quantos
Caminhos vãos andamos! Considera
Agora, desta altura fria e austera,
Os ermos que regaram nossos prantos...

Pó e cinzas, onde houve flor e encantos!
E noite, onde foi luz de primavera!
Olha a teus pés o mundo e desespera
Semeador de sombras e quebrantos! –
Porém o coração, feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: Desta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi demais o desengano e a dor.

(Antero de Quental. Os sonetos completos de Antero de Quental. Porto: Livraria Portuense de Lopes, 1886. p. 119; primeira edição, disponível na internet em: <http://purl.pt/122/1/P160.html>)

A partir da leitura dos textos e de suas reflexões pessoais sobre o tema, redija um texto opinativo, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, em que desenvolva sua opinião sobre a visão pessimista, ou não, de que a civilização conduzirá o planeta para sua destruição. Utilize o registro padrão da língua e atribua um título ao seu texto.

PROPOSTA 3

TEXTO I

Esse discurso final do filme “O Grande Ditador”, de 1940, escrito, dirigido e falado por Charles Chaplin, é tão mas tão contemporâneo que é possível que o próprio Chaplin não o modificasse se estivesse vivo e quisesse lançá-lo nos tempos atuais. À feliz exceção das ditaduras e dos ditadores que lideraram a II Guerra Mundial, o cenário global e as necessidades humanas mantém uma atualidade impressionantes, o que só faz crescer a importância e genialidade do cineasta britânico Sir Charles Chaplin (1889-1977), gênio do cinema mudo e criador (ator, roteirista, músico, diretor, dançarino, etc) de filmes como “Tempos Modernos”, “O Vagabundo” e “Luzes na Cidade”.

“O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.”

Charles Chaplin, em “O Grande Ditador” (trecho do discurso final)

TEXTO II

A Coisificação do Homem

A “coisificação” do homem é um sinal do trágico destino da humanidade: a banalização da vida, a perda de valores éticos e morais, invertendo a prioridade da “coisa” sobre a vida. O crescente hedonismo coisifica o homem, pois este passa a ser um instrumento com uma finalidade única e suprema do prazer.

Vende-se a todo instante, através dos meios de comunicação ou por propagandas disseminadas entre as pessoas, a vida fácil, o prazer instantâneo, o valor do “ter” sobre o “ser” das pessoas. O jovem é o alvo mais frequente e é bombardeado insistentemente com essa inversão de valores. Mas os adultos também são vítimas. Basta uma olhadela na rua ou folhear uma revista para percebermos a banalização da vida humana.

O relativismo moral e religioso é o responsável por essa inversão de valores, que coloca em risco a própria existência do homem. Tudo é verdadeiro e tudo é permitido desde que seja agradável e prazeroso; melhor ainda se for rápido, instantâneo! As pessoas precisam ser críticas a tudo que é colocado à sua disposição, principalmente quando algo é oferecido de forma muito fácil e graciosa: há que se investigar o que está por trás dessa generosidade suspeita.

A pressão para a legalização do aborto, alegando motivos invertidos como justificativa é um exemplo. Oras, alega-se que se há abortos clandestinos, precisamos legalizá-los. Baseando-se nesse raciocínio: se ninguém respeita o limite de velocidade na cidade e estradas, porque não liberá-los? Não! Limita-se a velocidade porque o seu excesso é um risco para vidas humanas. O mesmo raciocínio deve ser aplicado com relação ao aborto – um atentado contra a vida humana. Ainda: se há assaltos a bancos, porque não estudamos uma forma de legalizá-los? Porque o dinheiro é poderoso e é necessário guardá-lo a sete chaves. Então porque não preservar a sete chaves a vida humana, ainda que tenha apenas dias ou semanas, dentro de um útero materno? Mais uma vez, a solução mágica é apresentada. Como no caso das cotas, aonde é muito mais fácil e eleitoreiro criá-las do que o demorado, mas necessário, investimento na melhora da qualidade da educação pública (Ensino Fundamental e Médio). Se há abortos clandestinos, é muito mais fácil legalizá-lo do que investir em educação e saúde para impedir gestações inconsequentes. Há a necessidade de parar com os abortos – clandestinos ou não! O caminho correto é a educação. Também urge fiscalizar e condenar aqueles que promovem essa prática clandestinamente.

É preciso parar com essa inversão de valores. É preciso por os “pingos nos is” corretamente. Definitivamente. E assim, livrar as pessoas da banalização da vida humana. O ser humano é dotado de inteligência. Deve utilizá-la para tomar suas decisões. Deve empregá-la a serviço da vida e da permanência da humanidade sobre a terra. Campanhas de proteção de árvores e matas são lançadas a todo o momento: sim, necessitamos preservar a natureza para sobrevivermos. Mas de que adiantará preservá-las, se o homem aniquila-se a si próprio?

(In: <http://reflexao.blogspot.com.br/2007/10/coisificacao-do-homem.html>)

TEXTO III



alexandrefu.blogspot.com

A partir da leitura dos textos e de suas reflexões pessoais sobre o tema, redija uma crônica, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, em que desenvolva sua opinião sobre o processo de coisificação do homem moderno.

Utilize o registro padrão da língua e atribua um título ao seu texto.

PROPOSTA 4

“O acesso a bens culturais com o advento da internet e das novas tecnologias de reprodução.”

I. COLETÂNEA

A revista Megazine de O Globo (16/10/07) publicou matéria cujo título “Marcha Fúnebre” trata do seguinte assunto: “Decisão do Radiohead [banda inglesa] de pedir aos fãs para decidir preço do novo disco põe indústria fonográfica em xeque”.



A jornalista Natália Soares em sua matéria destaca: “Na UTI há um bom tempo, a indústria fonográfica acaba de levar o que parece ser um tiro de misericórdia. Independentes desde que romperam um relacionamento de 13 anos com gigante EMI, o Radiohead anunciou recentemente que a venda de seu novo CD, “In rainbows”, acontecerá só via internet. E tem mais: os fãs pagam o preço que acharem justo para fazer o download da obra; quem quiser não

paga nada – apenas a taxa de administração. Para os mais fetichistas, a banda oferece uma edição de luxo, com direito a CD duplo, dois vinis e um encarte com fotos e ilustrações dos integrantes, num total de 40 libras (cerca de R\$160).

Com o advento de novas tecnologias (internet, programas de reprodução de CD/DVD) e a consequente "democratização" de acesso a bens culturais, acirram-se discussões sobre problemas que envolvem, por exemplo, direitos autorais, produção industrial e o lucro que daí se deriva para o autor, para o produtor, para o distribuidor e para o governo, através dos impostos.

a) Redija um texto para uma seção "carta de leitores" de um jornal, avaliando criticamente o seguinte tema da atualidade: O acesso a bens culturais com o advento da internet e das novas tecnologias de reprodução.

b) Redija seu texto, seguindo as observações:

1 - A carta deve necessariamente mostrar-se em registro linguístico escolarizado e adequado ao destinatário, atentando para a situação discursiva e o gênero textual.

2 - A organização sintático-semântica que o remetente imprime às ideias desenvolvidas no seu texto devem apresentar coesão, coerência, propriedade vocabular.